

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação em Sociologia**

ANA LUISE DUNIEC NOGUEIRA

**O AGRONEGÓCIO NO BRASIL  
UM ENFOQUE DIGITAL**

Niterói  
2019

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação em Sociologia**

**ANA LUISE DUNIEC NOGUEIRA**

**O AGRONEGÓCIO NO BRASIL  
UM ENFOQUE DIGITAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção de Bacharel Licenciado em Especialidade.

**Orientador: Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho**

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N778a Nogueira, Ana Luise Duniec  
O Agronegócio no Brasil : Um Enfoque Digital / Ana Luise  
Duniec Nogueira ; Lucas Correia Carvalho, orientador.  
Niterói, 2019.  
50 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)-  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências  
Humanas e Filosofia, Niterói, 2019.

1. Agroindústria. 2. Cultura. 3. Internet; aspecto social.  
4. Produção intelectual. I. Carvalho, Lucas Correia,  
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação em Sociologia**

ANA LUISE DUNIEC NOGUEIRA

**O AGRONEGÓCIO NO BRASIL  
UM ENFOQUE DIGITAL**

**BANCA EXAMINADORA**

.....  
Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Marinho Lopes  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Prof. Dr. André Dumans Guedes  
Universidade Federal Fluminense

Niterói  
2019

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres que contribuíram, através de lutas históricas, para que mais de nós estivessem ocupando tanto as universidades quanto o mercado de trabalho.

A todas as cientistas sociais do passado, presente, e a todas que ainda estão por vir.

A todos os meus professores que, em todas fases de minha vida, participaram de maneira significativa em minha formação.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me concedido a graça da sabedoria e fortaleza, em meio a caminhada da minha vida pessoal e acadêmica. À Nossa Senhora, minha Mãe do Céu, por interceder incessantemente a Deus por mim, e por todos aqueles que mais amo, junto dos Anjos e Santos do Senhor.

Aos meus pais, Alexandre Santana Nogueira e Ana Angélica Duniec Nogueira, por serem reflexo do infinito amor de Deus por meio do trabalho e oração. A meu irmão, Alexandre Diego Duniec Nogueira, pelo companheirismo e por sempre me fazer sorrir.

Aos meus avós, Armênio Nogueira e Maria Cecília Santana Nogueira, Günther Duniec e Maria Helena de Oliveira Duniec, por serem verdadeiros exemplos de doação e amor ao próximo.

Aos os meus tios e primos, por todo carinho, orações e momentos felizes.

Ao meu orientador, Lucas Carvalho, por toda compreensão, disponibilidade, boa vontade e paciência.

A todos meus professores presentes em minha graduação de Sociologia, que contribuíram para a construção da minha visão de mundo, e a todos os funcionários da Coordenação e Secretaria do Curso de Sociologia, por toda assistência e atenção.

Ao Francisco Kerche, por sua generosidade ao doar o seu tempo para me auxiliar em meio a construção deste trabalho.

À Thais Ferreira Rodrigues, por toda ajuda, me fazendo compreender que o processo de construção de algo é tão importante quanto o seu produto final.

A todas as minhas amigas, que me incentivaram para que este trabalho fosse concretizado, desde seus primeiros traços. Camila Fintelman, Dayane Barbosa, Fabiane Rodrigues, Laila Borges, Lívia França, Manuela Teteo, Monica Oliveira e Soraya Lucena.

Minha eterna gratidão.

## EPÍGRAFE

“A terra deve ser tratada com ternura, para não causar-lhe feridas, para não arruinar a obra que saiu das mãos do Criador.”

Papa Francisco

“Um navio no porto está seguro, mas não é para isso que os navios são feitos. Vá para o mar aberto para fazer novas coisas.”

Grace Hopper

“Deus não poderia me inspirar desejos irrealizáveis.”

Santa Teresinha do Menino Jesus

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender as categorias e representações que circulam pelas mídias sociais a favor do assim denominado “agronegócio.” Tomamos fundamentalmente o YouTube, plataforma de envio de vídeos, como principal ambiente de análise. A captação de dados ocorre por meio de três softwares, sendo eles: YouTube Data Tools, DIY Captions e Iramuteq. Assim, esta investigação é construída através da análise de redes e da análise de conteúdos. Nossa hipótese é de que, ao focarem nos modelos tecnológicos e produtivos, os argumentos mobilizados pelos defensores do agronegócio estabelecem uma polarização entre produção e superação do atraso (sobretudo no que toca ao problema do abastecimento alimentício e da fome) colocando de lado as desigualdades sociais.

Palavras-chave: Agronegócio, Ciberespaço, YouTube, Sociologia das Redes, Sociologia Cultural.



## **ABSTRACT**

This paper aims to understand the categories and representations that circulate through social media in favor of the so-called “agribusiness.” The main analytical environment is taken by YouTube, the upload video platform. Data capture occurs through three softwares: YouTube Data Tools, DIY Captions and Iramuteq. Thus, this research is built through network analysis and content analysis. Our hypothesis is that, by focusing on technological and productive models, the arguments mobilized by agribusiness advocates a polarization between production and overcoming the backwardness (especially regarding the issue of food supply and hunger), putting aside social inequalities.

**Keywords:** Agribusiness, Ciberspace, YouTube, Sociology of Networks, Cultural Sociology.

## LISTAS

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rede de canais com maior grau de <i>betweenness</i> .....	27
Figura 2: O plano fatorial da rede.....	35
Figura 3: A lógica da produção no agronegócio.....	37
Figura 4: Os agrotóxicos como combustíveis para uma ampla produção no setor do agro.....	38
Figura 5: Alimentos, fontes produtivas em meio ao mercado do agronegócio.....	39

# SUMÁRIO

1	<u>INTRODUÇÃO.....</u>	12
2	<u>A MORFOLOGIA DA REDE.....</u>	16
3	<u>UMA ANÁLISE INTERNA: TRIUNFO E PRODUTIVIDADE.....</u>	31
4	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	46
5	<u>FONTES.....</u>	48
6.1	<u>Referências Bibliográficas.....</u>	48
6.2	<u>Outras Referências.....</u>	50

## INTRODUÇÃO

Pretende-se analisar nesta investigação, como a questão referente ao agronegócio vem sendo discutida e construída como objeto de produção e desenvolvimento no Brasil, por meio de uma importante plataforma digital de compartilhamento de vídeos, o YouTube<sup>1</sup>.

A questão do agronegócio e suas consequências apresentam-se como tema de debate por inúmeros atores sociais em diversos espaços do cotidiano, trazendo ideias que submetem-se tanto ao discurso acadêmico como também ao discurso público. Este tópico encontrou-se em destaque principalmente neste ano de 2019, onde novos produtos químicos foram aprovados em solo brasileiro, visando um maior lucro para a produção e exportação do país. As principais responsáveis pela propagação desta problemática, são as mídias sociais e digitais.

O objetivo deste trabalho, então, decorre-se pela compreensão de categorias a respeito das narrativas relacionadas ao agronegócio brasileiro, mostrando como as mesmas percorrem um importante caminho por meio desta plataforma digital, tomando os responsáveis pela produção e recepção desses conteúdos, como importantes atores que contribuem para uma vasta representatividade social deste tópico no momento atual que o país se encontra.

Diante disso, a metodologia desta pesquisa deu-se por meio de um enfoque digital por intermédio de três *softwares*. Primeiramente, o YouTube Data Tools<sup>2</sup>, responsável por captar os principais atributos presentes no YouTube, como por exemplo, os canais e vídeos. Um canal é definido como a matéria-prima desta plataforma digital, pois, por meio dele, usuários são capazes compartilhar seus conteúdos. Um canal é formado por vários vídeos sob um determinado tema. O segundo, ocorreu por meio da plataforma nomeada como DIY Captions<sup>3</sup>, encarregada de captar as legendas dos vídeos selecionados. Por fim, foi empregado o Iramuteq<sup>4</sup>, *software* de análise textual, para analisar os principais termos que mais são destacados no universo do agronegócio digital. É importante observar que este processo só é possível por conta de uma intensa interação, de caráter social e cultural, entre usuários.

---

<sup>1</sup> <https://youtube.com>

<sup>2</sup> <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>

<sup>3</sup> <https://diycaptions.com>

<sup>4</sup> <https://iramuteq.org>

Ao destacarmos canais e vídeos do YouTube relacionados ao agronegócio, nosso objetivo é capturar as principais representações que dão inteligibilidade e, em grande medida, legitimidade a esse modo de produção. Os dados revelam que, ao contrário do que esperávamos, os argumentos favoráveis ao agronegócio não giravam apenas em torno de seu papel nas exportações da economia brasileira, mas sobretudo na forma pela qual foi através do avanço tecnológico que se tem permitido a superação da pobreza e da fome em uma sociedade de massas. Nossa hipótese é de que, ao focarem nos modelos tecnológicos e produtivos, os argumentos mobilizados pelos defensores do agronegócio estabelecem uma polarização entre produção (mais especificamente produtividade) e superação do atraso (sobretudo no que toca ao problema do estabelecimento alimentício e da fome) colocando de lado as desigualdades sociais. Nesse sentido, o enfoque recai fortemente no modo de produção e não das formas de distribuição e apropriação, o que implicaria levantar questões relacionadas à desigualdade de acesso à terra e à reforma agrária.

Salienta-se ainda que as redes sociais são as principais intérpretes de uma dramaturgia simbólica (Goffman, 2007) presente no ciberespaço, carregando consigo a capacidade de divulgar informações no mesmo intervalo de tempo que as impulsionam para que inúmeros usuários sejam alcançados. Por certo, tomamos por exemplo os apelos sociais referentes à liberação de novos agrotóxicos ao decorrer do ano de 2019 no Brasil. A imensa representatividade deste tópico fez com que vídeos em tom de protesto fossem lançados com a finalidade de se tornarem tendências, com o intuito de alcançarem uma quantidade significativa de pessoas *on-line* a cada segundo. Vídeos foram criados em tom de debate - com réplicas e trélicas – direcionados a indivíduos que não defendem, ou desconhecem, o argumento de que a utilização de agrotóxicos é fundamental para a economia brasileira. Nos próximos capítulos, serão analisadas essas mobilizações que deram lugar em meio ao mundo digital que é também social. Raquel Recuero (2009), aborda sobre como a era digital representa uma importante mudança na esfera que faz referência ao social, por conta desses fenômenos que impulsionam mobilizações.

Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. (RECUERO, 2009, p. 16)

Seguindo esta lógica, nota-se que o aprimoramento dos recursos digitais como formas de comunicação por meio da Internet, ocasionou importantes estudos do campo da

Sociologia das Redes a observarem como também a cultura está inserida *on-line*. “Nós podemos imaginar redes sociais atravessando a cultura. O termo redes sociais faz referência a um conjunto de entidades – atores, organizações, ou locais, por exemplo – e os laços que existem entre elas” <sup>5</sup>(MCLEAN, 2017:10).

Raquel Recuero (2009, p. 17) em sua investigação, aborda sobre como o estudo da sociedade por meio das redes faz parte de um aspecto de transformação que transpassa a ciência ao decorrer do século XX. A autora ainda relata sobre como a diferença analítica presente nos séculos precedentes traziam como objetivo principal, o estudo de dada manifestação social por meio de uma análise minuciosa para o uma melhor percepção do conjunto de informações obtidas. Em contraste, Recuero (2009, p. 17) aborda como no século XX investigações mais recentes destacam as interações de fragmentos de determinada manifestação social, e não somente uma análise especificada do objeto como era antes observado.

De acordo com Recuero (2009, p. 18) o estudo das redes foi influenciado por meio desta mudança científica, permeada inicialmente por matemáticos antes de ser reconhecida como meio metodológico pelas Ciências Sociais. Derivada de uma análise sistêmica, Leonard Euler foi o matemático fundador da Teoria dos Grafos. O fundador matemático, segundo Recuero (2009, p.19) teve como base o enigma das Pontes de Königsberg, na Prússia.

Euler, em seu trabalho, demonstrou que cruzar as sete pontes sem jamais repetir um caminho era impossível. Para tanto, ele conectou as quatro partes terrestres (nós ou pontos) com as sete pontes (arestas ou conexões), mostrando a inexistência da referida rota e criando o primeiro teorema da *teoria dos grafos*. (RECUERO, 2009, p. 19)

Raquel Recuero (2009), então, constata que por meio da Teoria dos Grafos metáforas podem ser construídas. “[...] essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas. Um conglomerado de rotas de voo e seus respectivos aeroportos, por exemplo, pode ser representado por um grafo.” (RECUERO, 2009, p. 20). Diante disso, conclui-se que a Teoria dos Grafos é também uma importante técnica para que as conexões e interações expressas por meio das redes *on-line* sejam analisadas em suas estruturas.

Além disso, as estruturas que fazem parte de uma determinada rede, retratam aos observadores uma produção e reprodução cultural da internet como campo empírico nas

<sup>5</sup> Tradução da autora para: “we can imagine social networks to intersect with culture. The term social network refers to a set of entities – actorss, organizations, or locations, for example – and the ties that exist among them.”

Ciências Sociais. Por esta razão, se faz necessário a categorização da Internet como meio cultural. Este trabalho explorará, também, a ideia defendida por Paul McLean (2017, p. 10) sobre como a cultura se molda e caminha lado a lado em meio ao ciberespaço.

Para dar conta dessa dimensão cultural envolvida nas mídias sociais, recorreremos neste trabalho às principais formulações da sociologia cultural, de Jeffrey Alexander (2000, p. 38), segundo a qual toda ação é corporificada em meio a um horizonte de significados.

Uma crença na possibilidade de uma ‘sociologia cultural’, implica que as instituições, independentemente de seu caráter impessoal ou tecnográfico, têm fundamentos ideais que conformam sua organização, objetivos e legitimação. Descrito no idioma particularista do positivismo, pode-se dizer que a ideia de sociologia cultural gira em torno da intuição de que a cultura opera como uma ‘variável independente’, na conformação de ações e instituições. (ALEXANDER, 2000, p. 39)

Em relação a estrutura deste trabalho, o capítulo I possui como finalidade a discussão sobre a morfologia da rede gerada, assim como os principais grupos de canais captados. Já o capítulo II, objetiva descrever a seleção também dos vídeos fundamentais baseados nessa estrutura morfológica, fazendo, assim, uma análise interna dos mesmos via o conteúdo de suas legendas, capturando os principais termos utilizados.

Mediante o exposto, e diante de um cenário onde o meio ambiente é tido como objeto de produção capitalista, além de ser compreendido e incorporado socialmente e propagado pelos veículos midiáticos como uma questão de caráter comum a todos, esta investigação procura entender como os discursos e as ideias propagadas, em relação ao agronegócio, por indivíduos presentes na plataforma digital mencionada, se formulam na prática e mostram como a organização das redes é capaz de revelar importantes codificações para o estudo das Mídias Sociais, que se encontram em intenso diálogo com as Ciências Sociais<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que as traduções das obras em língua inglesa e castelhana para a língua portuguesa nesta investigação, foram realizadas por minha autoria.

# 1 A MORFOLOGIA DA REDE

Inicialmente, este primeiro capítulo possui como finalidade tratar sobre a morfologia estrutural da rede. Primeiramente abordando sobre os principais conceitos que envolvem a mesma, para, então, enunciar, ao decorrer do capítulo, sobre os principais canais do YouTube que se destacaram em meio a esta investigação.

Um canal é uma ferramenta que permite a interação entre usuários do YouTube. Visto que por meio de um canal, um usuário é capaz de compartilhar seus conteúdos, permitindo que outros usuários se inscrevam em suas páginas para acompanhar suas temáticas. Assim, um canal se torna popular no ciberespaço, quando apresenta uma vasta quantidade de inscritos e visualizações.

A propagação da Internet no mundo moderno resultou na transformação da sociedade junto de sua sociabilidade e interação social, ocasionando uma transposição da barreira física. É importante citar que a interação social através da Internet, de acordo com Raquel Recuero (2009), não só ocasiona o aumento da utilização da máquina em si, mas sim, o aumento da conexão entre pessoas concretamente. “[...] Essas redes conectam não apenas computadores, mas, pessoas.” (RECUERO, 2009, p. 17). Um exemplo para a afirmação da autora, se dá por conta de as mesmas ocuparem o papel social da protagonização como difusoras de informações e mobilizações a respeito a liberação de mais de 42 defensivos agrícolas, agrotóxicos, totalizando 239 desde o começo do ano de 2019, segundo uma matéria do site oficial do *Greenpeace* no Brasil (2019), “Capítulo Venenoso da História do Brasil”. Este fato representa o caráter fundamental que as redes sociais ocupam nos dias atuais, vinculadas a um processo de dramaturgico em meio a um palco digital.

Uma rede, segundo Paul McLean (2017:23) é abrangida por uma série de entidades junto das conexões que existem entre elas.<sup>7</sup> Uma rede social, por sua vez, é composta por um grupo de pessoas, que compartilhando dos mesmos valores ou não, interagem uns com os outros. “[...] quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, é uma rede social.” (GARTON, HAYTHORNTHWAIT E WELLMAN, 1997: 1). É importante ressaltar ,que, interação, em sociologia, refere-se a uma questão de troca, visando sentido e significado que são produzidos durante a interação.

---

<sup>7</sup> Tradução da autora para: “A network is a comprised of a set of entities and the connections existing among them.”



O estudo das redes sociais na internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2009, p. 24)

Indivíduos que representam grupos sociais, então, obedecem simbolicamente a estruturas padronizadas e organizadas, resultantes de longos processos em meio a relações de atores concretos no ciberespaço. Uma rede denomina-se como um agrupamento de atores que podem ser classificados como os nós que a envolvem, junto de interações, ou conexões, que resultam em laços sociais (RECUERO, 2009, p. 24 apud WASSERMAN e FAUST<sup>8</sup>, 1994; DEGENNE e FORSE<sup>9</sup>, 1999). Assim sendo, “os conceitos fundamentais numa rede social são os atores, os nós, e as ligações que nos permitem, através da visualização gráfica, uma radiografia da estrutura social.” (FIALHO, 2015:64).

Segundo Paul McLean (2017, p. 23), quando pensamos nos atores que norteiam as redes sociais, carregamos a tendência errônea de vê-los como simplesmente pessoas individuais. Omitimos o fato que esses atores, caracterizados como nós da rede, se refletem em diferentes categorias, não necessariamente racionais, conectando-se e interagindo entre si e, conseqüentemente fazendo parte de uma vasta imensidão categórica. Os atores se designam, segundo McLean (2017), como tudo que envolve a vida social.

Como antes mencionado por Fialho (2015, p. 64), são as denominadas ligações ou conexões que permitem que possamos observar a estrutura social de determinado grafo. Essas conexões resultam em um laço, ou aresta, caracterizado-se como uma variável essencial para o estudo das redes. Recuero (2009, p. 38-44) retrata sobre uma alusão a concepção de interação social, quando nos referimos a laços sociais no estudo das redes, buscando um sentido e significado para as relações entre atores em meio a rede. De acordo com McLean (2017, p. 24), um laço pode captar muitos fatores que estão além das relações sociais, como por exemplo, um laço pode ser concebido quando pessoas participam de um mesmo grupo, ou em um dado momento de troca de favores entre indivíduos. Além de aspectos comunicativos, e adaptando-se para a plataforma digital que está sendo abordada nesta investigação, o exemplo para a afirmação de Paul McLean (2017, p. 24) ocorre também no momento em que um usuário do YouTube decide inscrever-se em determinado canal, além de podemos observar este fato quando há também uma troca comunicativa na sessão de comentários de vídeos da

<sup>8</sup> WASSERMAN, S.; e FAUST, K. Social Network Analysis. Methods and Applications. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1994.

<sup>9</sup> DEGENNE, A.; e FORSE, M. Introducing Social Networks. London: Sage, 1990.

plataforma. A questão da proximidade também é um fator essencial para McLean (2017), podendo ser concretamente ou por meio de uma informalidade presente na escrita *on-line*. Paul McLean (2017, p.25) destaca, ainda, a importância de observar sobre como os laços fazem referência a diferentes tipos de relações e, conseqüentemente, se diferem entre si de maneira diversa.

Também capazes de unir pessoas em sociedade para além das regras, esses laços produzem sociabilidade e identidade em torno desses atores sociais. “[...] As entidades – os atores – podem estar na verdade (de fato, quase sempre estão) constituídos culturalmente pelo fluxo de atividades que geram identidades.”<sup>10</sup>(MCLEAN, 2017, p. 24 apud WHITE<sup>11</sup>, 2008). O conceito de identidade pode ser entendido, como ressalta Manuel Castells (1999) em sua obra “A Sociedade em Rede”, como um “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.” (CASTELLS, 1999, p.57-58). Em adição, Michael Pollak (1992) dialoga com a ideia de que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.” (POLLAK, 1992, p. 204).

Tendo em vista que relações em uma rede se diferem uma das outras resultando em uma multiplicidade de arestas ou laços, podemos supor que um laço possa ser caracterizado como forte ou fraco. Manuel Castells (2003, p. 103) em sua obra “*A Galáxia da Internet*” comenta sobre a pesquisa desenvolvida por Hampton e Wellman<sup>12</sup> (2000) em um bairro do subúrbio de Toronto, Canadá, chamado “Netville”. Esse estudo, durou cerca de dois anos e 65% da vizinhança presente no bairro aceitou fazer parte da investigação, que oferecia conexão a Internet gratuita em troca de dados para o estudo. Foi importante para os autores observarem as diferenças entre os moradores que não tinham conexão Internet em suas residências.

Contatou-se que os moradores de “Netville” que eram usuários da Internet tinham um número mais elevado de laços sociais fortes, de laços sociais fracos, e de relações de conhecimento dentro do bairro e fora dele, do que não tinham conexão com a Internet. O uso da Internet aumentava a sociabilidade tanto a distância quanto

<sup>10</sup> Tradução da autora para: “The entities – the actors- may actually be (in fact almost always are) constituted culturally through flows of activities that generate identities.”

<sup>11</sup> White, Harrison C. 2008. *Identity and Control*. Revised 2nd edition. Princeton: Princeton University Press.

<sup>12</sup> HAMPTON, Keith e Wellman, Barry (2000) “Examining community in the digital neighborhood: early results from Canada’s wired suburb”, em Tom Ishida e K. Katherine Isbister (orgs), *Digital Cities: Technologies, Experiences, and Future Perspectives*. Berlim: Springer.

na comunidade local. As pessoas estavam mais a par das notícias locais pelo acesso ao sistema de e-mail da comunidade que servia como um instrumento de comunicação entre vizinhos. O uso da internet fortalecia relações sociais tanto à distância quanto num nível local para laços fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bem como para a participação social na comunidade. De fato, no final do período da experiência, os usuários da Internet se mobilizaram para obter uma extensão de sua conexão, e usaram a lista de correspondência da comunidade para sua mobilização. Portanto, em geral, houve, no experimento Netville um feedback positivo entre sociabilidade on-line e off-line, com o uso da Internet aumentando e mantendo laços sociais e envolvimento social para a maioria dos usuários. (CASTELLS, 2003, p. 103)

Esta dialética foi também observada por Mark Granovetter (1973), em sua obra chamada “*The Strength of Weak Ties*”, onde o autor disserta sobre a importância dos laços mais fracos em uma rede. Suponhamos que uma sala de aula de uma determinada escola possua vinte alunos. Dez desses alunos são grandes amigos, possuem intimidade mútua e estão sempre em contato por compartilharem os mesmos gostos. Porém, com a outra metade da classe esses dez alunos não possuem tamanha intimidade e, por isso, o vínculo é tido como menor. Entretanto, não significa que os que apresentam um menor vínculo não sejam importantes para a turma em sua totalidade. Os vinte alunos são essenciais para a formação da turma. Além disso, os dois grupos interagem uns com os outros, menos que seja de maneira menos intensa. Como por exemplo: ao pedir algum material emprestado ou, até mesmo, quando as posições das carteiras da sala de aula estão mais próximas. Podemos transferir esse raciocínio para o estudo das redes, como explica Raquel Recuero (2009):

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas. (RECUERO, 2009, p. 41)

Seguindo ainda o exemplo antes feito, sobre os vinte alunos em dada turma, observamos que todos os alunos são importantes para que a classe seja formada. Até mesmo, os dez alunos que não possuem tanta proximidade com os outros. Por esta razão, Raquel Recuero (2009, p.41) aborda sobre como o sociólogo americano Mark Granovetter (1973 e 1983) evidencia a importância de laços fracos para a totalidade estrutural de uma rede. “[...] são eles que conectam os grupos, constituídos de laços fortes, entre si. Laços fracos, assim, seriam fundamentais pois são aqueles que conectam os *clusters* nas redes sociais.” (RECUERO, 2009, p. 41 apud GRANOVETTER, 1973<sup>13</sup>, p. 1360-1380 e 1983<sup>14</sup>, p. 203-233).

<sup>13</sup> GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. The American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6, maio de 1973.

De acordo com John Scott (2000, p. 127) um *cluster* é definido por uma área de intensa densidade em um grafo. Seguindo a mesma lógica, Raquel Recuero (2009) compreende que os grupos de indivíduos presentes no ciberespaço, por meio de comunidades em redes sociais, podem ser descodificados através da estrutura que um *cluster* representa. “[...] A estrutura básica da comunidade na rede social é aquela de um *cluster*, ou seja, de um aglomerado de nós com maior densidade de conexões.” (RECUERO, 2009, p. 135).

A era tecnológica contribuiu de maneira significativa para que uma nova construção da concepção de comunidades imersas em meio ao ciberespaço fosse estruturada. “[...] As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais.” (CASTELLS, 1999, p. 57). Além disso, o surgimento de uma era da computação, segundo Castells (1999, p.80), não foi apenas protagonista de uma representação de mudança tecnológica, mas também palco de transformações em meio a interações sociais e estruturas de organização. Assim, as técnicas de modernização moldaram o que conhecemos hoje como Internet.

Cada grande avanço em um campo tecnológico específico amplifica os efeitos das tecnologias da informação conexas. A convergência de todas essas tecnologias eletrônicas no campo da comunicação interativa levou à criação da Internet, talvez o mais revolucionário meio tecnológico da Era da Informação. (CASTELLS, 1999, p. 82)

Em meio a comunidades na Internet, uma definição importante para entendermos como o conceito de *cluster* é construído designa-se como Capital Social, fazendo diálogo com a teoria de Pierre Bourdieu. A teoria sociológica de Bourdieu, é envolta no conceito de *habitus*. Isto é, em uma disposição mental geradora de todas as práticas que não são natas ao ser humano, possuindo um saber incorporado. “[...] O *habitus* é definido por ele como a “aptidão que têm os agentes de se orientarem espontaneamente no espaço social e a reagir mais ou menos adaptado aos acontecimentos e situações.” (TRIGO, 1998, p. 46 apud BOURDIEU<sup>15</sup>, 1972, p. 178).

Em vista deste aspecto do *habitus*, as formas do capital, segundo Bourdieu (1986, p. 243), são ser apresentadas por meio de três aspectos fundamentais: por meio do capital econômico, do capital cultural e do capital social. O capital social é um enfoque importante para entender a dinâmica de uma rede, pois está relacionado a uma ideia de criação de

<sup>14</sup> GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties: Network Theory Revisited. *Sociological Theory*, vol 1, p.203-233, 1983.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. (1972). *Esquisse d’une théorie de la pratique*. Genève, Genève.

vínculo. “[...] feito de obrigações sociais (“conexões”), que são convertidas, em certas condições, em capital econômico, podendo ser institucionalizado na forma de um título de nobreza.<sup>16</sup>” (BOURDIEU, 1986, p. 243).

Como observado, o conceito de capital social defendido por Bourdieu (1986, p. 243), é um elemento que dialoga em meio a uma questão interacional. Por esta razão, Recuero (2009, p.144), define uma comunidade virtual como uma aglomeração de atores que ao interagirem em determinado local, criam laços e capital social, colaborando para que um *cluster* crie forma. Recuero (2009, p.144) ainda destaca, que, as comunidades são formadas por meio de uma questão temporal e também através de um sentimento coletivo de vinculação ou pertencimento.

Newman e Park (2003), por sua vez, abordam uma noção matemática do fenômeno de clusterização em meio a uma rede:

Watts e Strogatz apontaram que a maioria das redes parecem ter alta transitividade, também chamada de clusterização. Isto é, a presença de uma conexão entre vértices A e B, e mais uma entre B e C, torna provável que também terá a conexão entre A e C. Em outras palavras, se B possui duas redes vizinhas, é provável que A e C estejam conectadas, em virtude da conexão comum com B. Em termos topológicos, tem uma alta densidade dos triângulos. ABC, na rede, e a clusterização pode ser quantificada medindo essa densidade: em que um “triplo conectado” significa um vértice conectado diretamente a um par não ordenado de outros<sup>17</sup>. (NEWMAN E PARK, 2003, p. 3 apud WATTS e STROGATZ<sup>18</sup>, 1998)

Por conseguinte, quando analisamos uma rede, principalmente por meio de uma Sociologia das Redes que possui como metodologia a teoria dos grafos, se faz necessário voltarmos a atenção para alguns atributos que as envolvem. Como por exemplo: o grau de conexão, a densidade, a centralidade, a centralização e a multiplicidade.

Primeiramente, o *grau de conexão* de uma rede refere-se a “quantidade de conexões que um determinado nó possui.” (RECUERO, 2009, p.71) Adaptando-se a plataforma do YouTube, o grau de conexão se dará pela quantidade de inscritos em um dado canal. “[...] quanto maior o grau de conexão, mais popular e mais central é o nó na rede.” (RECUERO,

<sup>16</sup> Tradução da autora para: “Made up of social obligations (“connections”), which is convertible, in certain conditions, into economic capital and may be institutionalized in the form of a title of nobility.”

<sup>17</sup> Tradução da autora para: “Watts and Strogatz have pointed out that most networks appear to have high transitivity, also called clustering. That is, the presence of a connection between vertices A and B, and another between B and C, makes it likely that there will also be a connection between A and C. To put it another way, if B has two network neighbors, A and C, they are likely to be connected to one another, by virtue of their common connection with B. In topological terms, there is a high density of triangles, ABC, in the network, and clustering can be quantified by measuring this density: where a “connected triple” means a vertex connected directly to an unordered pair of others.”

<sup>18</sup> D. J. Watts and S. H. Strogatz, Collective dynamics of ‘small-world’ networks. Nature 393, 440–442 (1998).

2009, p. 71). Segundo, Recuero (2009, p.72) altera-se o grau de conexão quando um nó adquire mais conexões e quando um nó cria mais conexões. Adquirindo, o grau de nó se classifica como *indegree*. Já quando um nó cria conexões, chama-se *outdegree*.

O conceito de *densidade*, por sua vez, de acordo com Scott (2000) tem ligação com a questão de conexão. “Quanto mais pontos estiverem conectados entre si, mais denso o gráfico será.<sup>19</sup>” (SCOTT, 2000, p. 70). Em adição, o autor também relaciona a medida de densidade com a questão de coesão. “A densidade descreve o nível geral de coesão em um gráfico.<sup>20</sup>” (SCOTT, 2000, p. 89).

O terceiro atributo essencial para que uma análise de redes se dá pela questão da *centralidade*. Scott (2000, p. 82) utiliza-se de uma metáfora para explicar esta medida. A metáfora da estrela. A centralidade de uma rede, é, como se fosse uma pessoa muito popular em seu círculo social, ou um indivíduo que se destaca como o centro das atenções. “[...] Um ponto é central, então, se tiver um alto grau; o agente correspondente é central no sentido de estar “bem conectado” ou “no meio das coisas<sup>21</sup>.” (SCOTT, 2000, p. 83).

Já o conceito de *centralização*, segundo Scott (2000, p. 89) dialoga com a questão da coesão e como a mesma está organizada em pontos particulares de um grafo. A centralidade e densidade, de acordo com Scott (2000, p. 89), se designam como medidas complementares. Em outras palavras, “a densidade seria diferente da centralização na medida em que aquela descreve o nível de coesão de um grafo e esta, a extensão, na qual está coesão estaria centrada em pontos específicos do grafo.” (RECUERO, 2009, p. 75)

Por fim, a *multiplicidade* em uma rede, refere-se, aos múltiplos laços de sociabilidade presentes em uma rede. “O conceito de multiplicidade diz respeito às diversas qualidades e trocas que caracterizam uma determinada conexão social. Diz-se que uma rede é multiplexa quando há uma variação na quantidade de relações sociais que aparecem na rede.” (RECUERO, 2009, p. 77).

Partiremos, de hora em diante, para uma análise dos principais canais imersos na rede analisada. É importante ressaltar, que, os canais a seguir não só foram primordialmente selecionados por conta do diálogo em relação ao tema do Agronegócio presente no Brasil, mas também por meio de razões métricas presentes na rede. Se faz importante a análise sobre

<sup>19</sup> Tradução da autora para: “The more points that are connected to one another, the more dense will the graph be.”

<sup>20</sup> Tradução da autora para: “Density describes the general level of cohesion in a graph.”

<sup>21</sup> Tradução da autora para: “A point is central then, if it has a high degree; the corresponding agent is central in the sense of being ‘well-connected’ or ‘in the thick of things’.”

os canais captados, por conta dos mesmos apresentarem índices confiáveis para que se possa adentrar mais a fundo, no segundo capítulo, a questão dos vídeos criados por atores que transpassam seu conteúdo digital através do tema da investigação.

As razões métricas presentes na rede canais, foi elaborada a partir dos canais coletados, e posteriormente, rodada por meio do YouTube Data Tools. Este software, como mencionado anteriormente, foi utilizado como meio de captação dos principais canais relacionados ao agronegócio. Foram feitas sucessivas filtragens a cada vez que os dados para a formação da rede desses canais foram coletados. Outrossim, os critérios para a escolha dos canais captados pelo YouTube Data Tools, se sucederam em relação ao número de seguidores e visualizadores, além da coerência com o tema da investigação que um canal apresentava.

O primeiro canal a ser analisado chama-se “Agro Não Mia”. Com 2.554 inscritos e 1.083 visualizadores, encontra-se em defesa do agricultor e, conseqüentemente, do agronegócio. Carrega consigo o objetivo de debater os mitos propagados sobre o agronegócio por meio de seus vídeos. Em tempos modernos, o agricultor possui a necessidade, segundo o canal, de utilização de agroquímicos para uma produção de qualidade. Investimento tecnológico e inovação, são duas características atribuídas ao agronegócio para o canal. Discursos refletidos no canal mostram como o mesmo se equipara a uma grande oportunidade do século 21 para a economia brasileira, pois representa o setor de importância essencial para a economia do país. Além disso, com a narrativa do crescimento da população mundial em foco, o canal defende que o Brasil possui recursos para o sustento dessa produção. Os organizadores do canal, categorizam a segurança mundial alimentar – esquivando-se da fome – como uma grande oportunidade para o crescimento ainda maior do setor do agronegócio. O agro é, então, de acordo com as ideias propagadas do canal “Agro Não Mia”, o volante econômico.

Em seguida, observemos o canal do “Ministério da Agricultura”, com 4.692 inscritos e 2.238 visualizadores. A questão do agronegócio despertada por meio deste canal, se relaciona com a ideia de alimentar a população brasileira e também a população mundial. Para isso, se faz necessário demanda em alimentos, e pesquisas tecnológicas para uma produção de qualidade. Logo, o agronegócio é produção, investimento, crescimento, financiamento. O Plano Safra, garantia de crédito para o agricultor investir e custear a produção, engloba plantações de pequenos médios e grandes produtores rurais do país. Este crédito que permeia o campo, segundo o canal, se encontra em intenso diálogo com a economia; gerando mais

produção, emprego e oportunidades para quem fabrica. O agronegócio brasileiro, então, de acordo com o Ministério da Agricultura, empreende, preserva e transforma.

Com 5.280 inscritos e 3.932 visualizadores, analisaremos agora o canal categorizado como “AgroJornal”. O canal possui como objetivo divulgar o trabalho de pessoas que vivem em meio a dinâmica do agronegócio, construindo o Brasil que rende e frutifica. O setor é destaque mundialmente, e por essa razão o Produto Interno Bruto do país é erguido por meio do mesmo. Segundo os atores imersos no canal, o investimento tecnológico é uma importante ferramenta para que a produção e a comercialização sejam intensificadas.

Seguidamente, o “AgroSchool”, com 5.690 inscritos e 1.252 visualizadores, é um canal imerso no universo do agronegócio junto de seus termos. O canal possui videoaulas que trazem consigo o objetivo a explicação dos termos que envolvem o mercado do agro, de uma maneira simples e direta. A noção do agronegócio, relacionado a um viés administrativo, e como um vasto conjunto de empresas é defendida em meio a este canal. O canal defende os fatores do mercado do agro, junto da importância dos seus termos para o produtor em meio a lógica de comércio. O “AgroSchool” auxilia o entendimento de como o fluxo monetário é tratado em meio ao agronegócio, e também na construção de uma inteligência financeira para a administração de maior qualidade para o setor agroindustrial.

Permeando a mesma lógica, tanto o canal da “Embrapa-Radar da Tecnologia Soja” como o canal da “Embrapa”, focam no desenvolvimento da tecnologia por meio de pesquisas que possuem como finalidade o aumento da qualidade de produção, gerando um maior desenvolvimento econômico e social. O canal da “Embrapa- Radar da Tecnologia Soja” com 6.043 inscritos e 6.715 visualizadores, destaca o fato do Brasil ser o segundo maior exportador de soja mundialmente, e ressalta também o quão impactante esta circunstância é para o aumento do Índice de Desenvolvimento Humano. O canal também, caracteriza do agronegócio como tecnológico, fazendo-se necessário investimento em pesquisas para um desenvolvimento contínuo. Por sua vez, o canal “Embrapa”, com 71.227 inscritos e 78.316 visualizadores, do mesmo modo, caracteriza o agronegócio como necessidade tecnológica por meio de investimentos em pesquisas. Há uma garantia, por meio de pesquisas, de manutenção de recursos naturais por meio da inovação tecnológica, gerando benefícios econômicos, sociais e ambientais. “A Ciência que transforma a vida” é um tópico debatido por meio dos vídeos que representam o canal, abordando, que, por meio da transformação será possível vencer “desafios futuros”. Por meio de pesquisas, a EMBRAPA investiga novas maneiras de



assegurar um desenvolvimento sustentável no campo, novas formas relacionadas à segurança alimentar e produções de qualidade.

Do mesmo modo, em meio ao canal “Mundo Rural Business” observamos 57.606 inscritos e uma quantidade de 46.940 visualizadores. Para este canal, o agronegócio refere-se a um investimento e uma análise de mercado e estratégias de lucro. Um vasto negócio, focando na produção de milho, soja e gado. O canal aborda ainda sobre o futuro incerto da economia e em meio ao processo produtivo.

Finalmente, no canal nomeado como “Maranhão Rural”, com 117.727 inscritos e 224.450 visualizadores, podemos entender que por agronegócio, entende-se como oportunidade de melhoria de produção e investimentos de natureza econômica. O Brasil, é visto como importante fornecedor de alimentos mundialmente. Com o possível aumento populacional mundial, o agronegócio brasileiro carrega, conseqüentemente, um significativo potencial de produção, por meio de investimentos no desenvolvimento, na eficiência e em novidades tecnológicas.

Em contrapartida, transcorreram-se também em meio a rede, canais que não abordavam diretamente sobre questões relacionadas ao agronegócio, porém carregavam consigo uma importante coletânea de vídeos que auxiliaram na construção de uma perspectiva, muitas vezes contrária ou em prol, à narrativa do agronegócio brasileiro.

O canal do jornalista Bob Fernandes, com 87.856 inscritos e 29.376 visualizadores, que menciona sobre política e o impacto da mesma em sociedade, dedica parte de sua abordagem sobre como a utilização de agrotóxicos, e suas conseqüências, afetam tanto os alimentos como consumidores. Seguindo essa mesma lógica, o canal denominado como “Rede TVT”, traz consigo inúmeros conteúdos analíticos de cunho social, como por exemplo a questão referente a liberação de agrotóxicos que permeiam na produção rural brasileira.

Por sua vez, o canal “Tese Onze” de Sabrina Fernandes, doutora em Sociologia, com 157.678 inscritos e 34.315 visualizadores, trazendo informações junto de formações políticas. Em seu conteúdo, observamos vídeos que trazem categorias por meio de um viés sociológico e político, da utilização de agrotóxicos na produção.

Em adição, canais de grandes redes de telejornais destacaram-se em meio a análise. Como por exemplo, “Câmara Record”, com 1.046.572 inscritos e 2.257.265 visualizadores, retratando em algumas reportagens sobre conseqüências do manejo de agrotóxicos na vida de produtores rurais. Já em outro canal da mesma emissora de televisão, o intitulado “Jornal da Record”, com 573.184 inscritos e 1.421.926 visualizadores, traz reportagens alertando a

população sobre como a utilização de agrotóxicos na produção, os caracterizando como um “perigo invisível” para muitos brasileiros. Por sua vez, a “TV Cultura Digital,” com 865.163 inscritos e 2.888.988 visualizadores, traz uma seção de vídeos que abordam sobre questões de produtividade e planos de cultivo referentes ao agronegócio.

Da mesma forma que programas de TV se transportaram para o YouTube, programas de rádio percorreram o mesmo caminho digital. Uma das grandes redes de rádio do Brasil, a “Jovem Pan News”, com 1.573.759 inscritos e 4.074.707 visualizadores, trouxe para o meio digital muitos debates relacionados ao tema. Alguns deles apresentam um caráter dualístico sobre o agronegócio, com ênfase nos fatores que induzem a utilização dos agrotóxicos na produção brasileira. O programa do “Pânico no rádio”, nomeado como “Pânico Jovem Pan”, da mesma empresa de comunicação, também é responsável pela divulgação do tema por meio de seus vídeos, com 1.664.824 inscritos e 3.314.942 visualizadores.

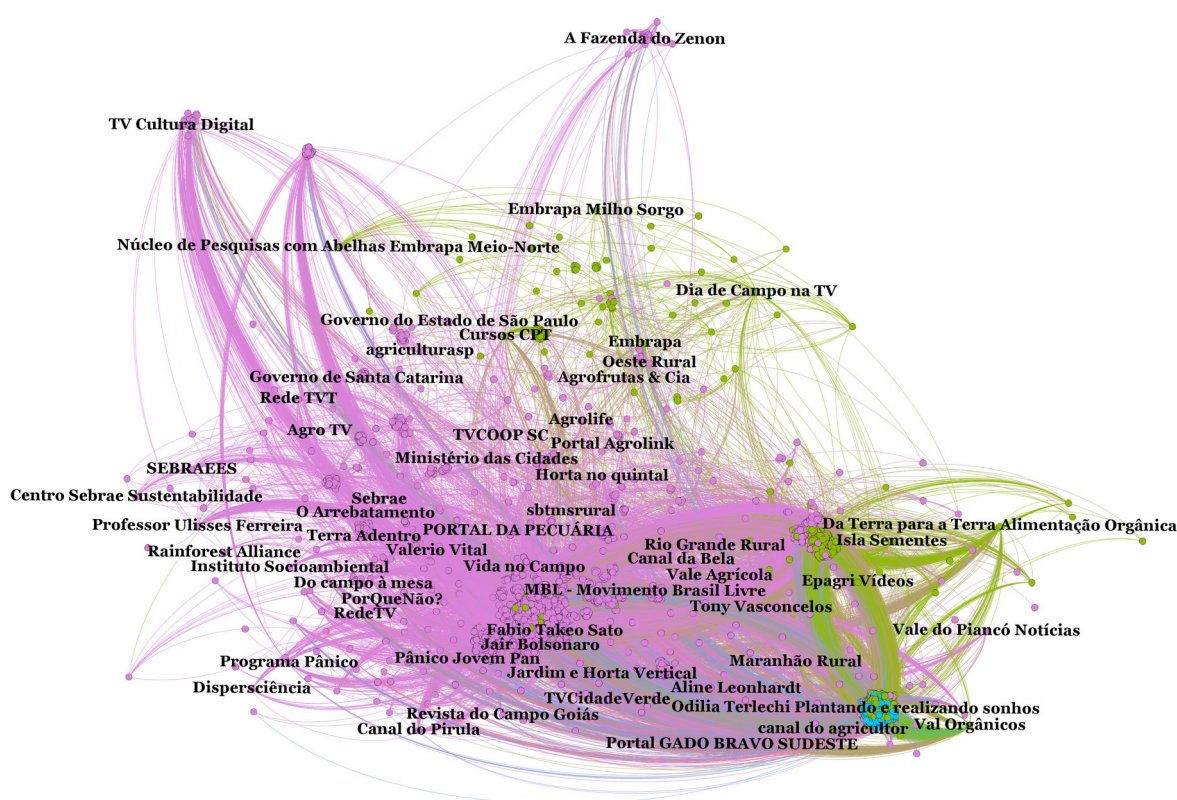
O Movimento Brasil Livre (MBL), com 1.496.007 inscritos e 1.849.119 visualizadores também se faz presente em meio ao espaço digital do YouTube. Em seus vídeos de caráter político, os representantes dos canais, elaboram narrativas em defesa das táticas do agronegócio para o aumento produtivo, além de criticarem de maneira intensa indivíduos que possuem um pensamento contrário as táticas da agroindústria brasileira.

Além disso, houve na rede a presença de canais relacionados a Ciência no ciberespaço, que fazem parte do Science Blogs Brasil. O “Canal do Pirulla”, com 792.347 inscritos e 808.418 visualizadores, por exemplo, aborda principalmente sobre divulgações científicas com ênfase em estudos biológicos, porém não exclusivamente sobre este tópico. Por esta razão, neste canal há debates sobre as questões ambientais no Brasil, e, também, sobre as questões referentes ao agronegócio para o Brasil, seguindo em embasamento científico. Já o canal, “Nunca vi 1 cientista”, com 19.325 inscritos e 1.628 visualizações, também membro do Science Vlogs Brasil, possui como objetivo explicar a presença da ciência no cotidiano. Neste canal, portanto, há vídeos contendo explicações e pesquisas científicas em razão da utilização de transgênicos na produção da indústria agro no Brasil.

Por fim, existem três canais que abordam sobre novas trajetórias que deslocam-se contra as consequências do agronegócio para a alimentação e o meio ambiente. O primeiro canal que será destacado, dá-se pelo “Canal da Bela”, 380.955 inscritos e 146.547, que além de trazer maneiras de alimentações mais saudáveis, aborda também sobre estilos de vida mais sustentáveis. Com uma opinião contra alimentos transgênicos na produção a responsável pelo canal, Bela Gil, traz dicas para que pessoas de diversas classes sociais tenham acesso a uma

alimentação orgânica e favorável. No canal “Por que não?”, caracterizado como mídia independente, há, também, um forte diálogo a favor de técnicas que caminham contra a utilização de inseticidas na produção, abordando também, sobre a vantagem da produção orgânica para a sociedade.

Os canais analisados acima foram gerados, por meio do YouTube Data Tools, e distribuídos em três principais comunidades com nós de maior grau *betweenness*, ou de centralidade. São elas as comunidades lilás, verde e azul. É importante observar que as comunidades lilás e verde são as maiores e as mais conectadas, e estão representadas abaixo (figura 1):



**Figura 1:** Rede de canais com maior grau de *betweenness*.

Os canais pertencentes à comunidade lilás, são canais que não retratam primordialmente sobre o tema do agronegócio, embora abordem sobre significativas referências ao mesmo, por meio de seus vídeos, como podemos observar com os seguintes canais: “Tese Onze”, “MBL – Movimento Brasil Livre” e “Bob Fernandes.” Já os canais

pertencentes à comunidade de coloração verde, se classificam por agruparem canais que dialogam sobre questões relacionadas ao campo, e também sobre alimentos orgânicos. Como por exemplo, nos canais: “Momento Ambiental”, “Agrirural” e “Da Terra para a Terra – Alimentação Orgânica.” Os canais da comunidade azul, por sua vez, são aqueles que trazem consigo um maior número de canais relacionados diretamente ao agronegócio. Como exemplos, os canais “Agro Não Mia”, “Agro Jornal” e “Embrapa”.

Ademais, em meio aos canais relacionados diretamente com a questão do agronegócio, observamos um intenso diálogo com as técnicas de melhoria de produção e inovações tecnológicas. Captados pela rede, muitos desses canais, abordam sobre a grande capacidade de produção tomada pelo agronegócio brasileiro, e, não questionam a capacidade produtiva do mesmo, como principal fonte produtiva de alimentos para o Brasil e para o mundo.

Assim, o possível crescimento populacional mundial, exige segurança de produção. Observamos isso, por exemplo, no canal do “Ministério da Agricultura”, onde é mencionado, em seu conteúdo, a potência agrícola brasileira, e como o crescimento populacional demanda maior quantidade de alimentos e conseqüentemente uma produção mais significativa, que poderá ocorrer mais eficientemente por meio de pesquisas tecnológicas.

A segurança de produção faz diálogo com a insegurança de uma possível fome mundial. Entretanto, como nos mostra Josué de Castro (1984, p. 19-21), grande cientista social, no decorrer da História, a fome esteve presente no âmbito mundial, mas não o suficiente para captar a atenção das classes sociais mais abastadas, e para que tivesse sido escrito mais obras sobre este tema de caráter essencial.

Segundo o autor, a fome no mundo, acontece desde os tempos mais remotos, e é estruturada por meio de desigualdades de fundo econômico.

[...] os interesses econômicos das minorias dominantes também trabalhavam para escamotear o fenômeno da fome do panorama espiritual moderno. É que ao imperialismo econômico e ao comércio internacional a serviço do mesmo interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como fenômenos exclusivamente econômicos – dirigidos e estimulados dentro dos seus interesses econômicos – não como fatos intimamente ligados aos interesses de saúde pública. (CASTRO, 1984, p. 21).

Faz necessário mencionar, a captação também por meio da rede dos canais que não possuem como objetivo inicial, e matéria-prima, a abordagem direta em relação ao agronegócio em seu espaço digital. Este fato demonstra a alta representatividade da temática

em foco, que atravessa não só indivíduos que possuem um laço com o agronegócio no cotidiano, mas também aqueles que são apenas telespectadoras desta dinâmica.

Podemos concluir em meio a esse fato, que, a representatividade do agronegócio em múltiplas dimensões do social, permeia consequentemente esfera cultural em meio a sociedade. A esfera da cultura é interpretada por Jeffrey Alexander (2000) como uma área repleta de simbolismo, compreendidos de maneira expressiva. “[...] Defino a cultura como um local de parâmetros simbólicos organizados entendidos significativamente<sup>22</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 169). Em adição, Clifford Geertz (1989), define a cultura como uma teia de significados partilhados, constituída a partir de representações sociais, dando sentido aos grupos. “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise.” (GEERTZ, 1989, p. 15). Para que nós possamos entender aspectos culturais que estão concentrados nas comunidades digitais, precisamos estar imersos nesta cultura. “[...] A cultura é pública porque o significado o é. Você não pode piscar (ou caricaturar a piscadela) sem saber o que é considerado uma piscadela ou como contrair, fisicamente suas pálpebras.” (GEERTZ, 1989, p. 22).

Uma cultura é tecida por múltiplos aspectos. Paul McLean (2017, p. 46), ainda adota a metáfora de Geertz (1989) sobre como a cultura é constituída de uma “teia de significados”, não diferente de uma rede complexa. Essa metáfora, segundo McLean (2017, p. 46), nos auxilia a observarmos a cultura sob diferentes pontos de vista, e ainda reforça que uma cultura não consiste em uma definição tão definida como a definição de uma rede. Por isso, é necessário haver uma “descrição densa”, como foi abordado por Geertz (1989) segundo McLean (2017, p. 47), por conta da cultura portar uma natureza de caráter complexo.

Tratar a cultura como *práticas e repertórios* é útil e instrutivo em conjunção com a análise das redes sociais, primeiro, porque nós podemos pensar sobre os caminhos que as práticas culturais podem ser difundidas ou circuladas no espaço social, talvez se tornando mais saliente e mais frequentemente usados à medida que passam por redes de atores conectados, e especialmente pelas mãos de particularmente atores bem conectados<sup>23</sup>. (MCLEAN, 2017, p. 50)

Assim, tendo como suporte os fatos demonstrados, no próximo capítulo será exposto, mais internamente, como os vídeos, frutos dos canais descritos, se relacionam por meio de

<sup>22</sup> Tradução da autora para: “Defino la cultura como un emplazamiento organizado de parámetros simbólicos entendidos significativamente.”

<sup>23</sup> Tradução da autora para: “Treating culture as *practices* or *repertoires* is useful and instructive in conjunction with the analysis of social networks, first, because we can think of the ways in which cultural practices may diffuse or circulate in social space, perhaps becoming more salient and more frequently used as they are passed through networks of connected actors, and especially through the hands of particularly well-connected actors.”

uma Sociologia Cultural, sustentada pela teoria do sociólogo norte-americano, Jeffrey Alexander (2000).

## 2 UMA ANÁLISE INTERNA: TRIUNFO E PRODUTIVIDADE

Primordialmente, este segundo capítulo será dotado da análise, de maneira mais interna, sobre as narrativas de vídeos que se encontram imersos em meio aos canais selecionados. A seleção dos vídeos, é fruto de índices confiáveis dos canais eleitos, que foram abordados no capítulo anterior. Além disso, será analisado, também, sobre como a cultura é refletida em meio as narrativas presentes nesses vídeos, dialogando com a perspectiva da Sociologia Cultural defendida por Jeffrey Alexander (2000).

Os discursos relacionados ao agronegócio, propagados nos vídeos do YouTube, serão construídos por meio da transcrição das legendas que foram captadas por meio do sistema d Iramuteq, *software* de análise textual. Os resultados da investigação mostram como a intensa relação entre produção, produtividade e modernidade, abrem caminho para um discurso que visa a superação de tudo que é considerado como empecilho para o lucro. Como, por exemplo, a baixa produtividade e a precaridade econômica. Um dos principais argumentos presentes nas narrativas, se dão pela utilização de agrotóxicos e intensos investimentos em pesquisas e tecnologia, como responsáveis para uma produção em massa, evitando, assim, uma crise de abastecimento e de fome.

A percepção de Sociologia Cultural defendida por Jeffrey Alexander (2000), como categorias dotadas e dispostas de sentido, será a principal base teórica em meio as narrativas presentes nos vídeos selecionados e concentrados na rede, se dando por meio de algoritmos presentes no YouTube. Por mais que o autor adote intensamente, em sua teoria, sobre a lógica dualística de Durkheim como molde cultural, compreendo aqui, que a cultura esteja imersa socialmente, de uma maneira mais diluída do que antagônica em meio a esferas simbólicas.

Jeffrey Alexander (2000), inspirado culturalmente por meio de um viés durkheimniano, aborda sobre como a sociologia religiosa de Durkheim é refletida em uma ideia de mundo antagônica, onde crenças e ritos se opõem, e a ideia do sagrado em oposição ao profano é destacada. “[...] Durkheim explorou a maneira em que os seres humanos perseveram na divisão entre um mundo sagrado e outro profano, sustentando que, inclusive, os homens e as mulheres modernos necessitam de experiências espirituais de tipo místico<sup>24</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 17).

<sup>24</sup> Tradução da autora para: “Durkheim exploró la manera em que los seres humanos perseveran en la división entre um mundo sagrado y ootro profano, manteniendo que, incluso, los hombres y las mujeres modernas necesitan experiencias espirituales de tipo místico.”

Além disso, a sociologia, para Jeffrey Alexander (2000, p. 31), deve continuamente carregar consigo uma dimensão do cultural. Além disso, sociólogos culturais, segundo Alexander (2000, p. 32) devem, através de um viés interpretativo, investigar como de fato se caracterizam as narrativas presentes em meio os discursos culturais.

Crer na possibilidade de uma ‘sociologia cultural’ supõe subscrever a ideia de que toda ação, independente de seu caráter instrumental, reflexivo ou coercitivo a respeito dos entornos externos (Alexander 1988) se materializa em um horizonte emocional e significativo. Este entorno interno faz com que o ator nunca seja totalmente instrumental ou reflexivo<sup>25</sup>. (ALEXANDER, 2000, p. 38 apud ALEXANDER<sup>26</sup>, 1988).

Alexander (2000, p. 40) ainda defende que para a sociologia cultural, se faz necessário portar uma descrição inspirada em Geertz (1989), ou seja, uma descrição densa. “[...] Aqui se necessita uma descrição geertziana, ‘descrição densa’, dos códigos, narrativas e símbolos que constituem a rede de significados, e não uma descrição ligeira’ que reduz a análise cultural a um esboço de descrições abstratas<sup>27</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 40).

Assim, por conta da cultura, de acordo com Alexander (2000, p. 169), ser caracterizada como um conjunto organizado de fundamentos de natureza simbólica, capaz de serem compreendida de maneira significativa, o autor advoga sobre o ofício de cientistas sociais, que devem voltar sua atenção para a causa e o efeito que a cultura representa em meio a seu significado cultural expresso em sociedade, se baseando primordialmente na esfera de significados.

Em vista disso, Alexander (2000, p. 172-173) baseia-se na ‘ciência dos signos’, de Saussure<sup>28</sup>, para comparar a ideia de que meio cultural pode ser capaz de ser interpretado como um meio de configuração de linguagem. “[...] Os códigos culturais, como as linguagens linguísticas, se constroem sobre signos que são contidos de significante e significado.” (ALEXANDER, 2000, p. 173). Para ressaltar seu argumento teórico, Alexander (2000, p. 173), utiliza-se do exemplo a questão da tecnologia, e como a mesma não representa apenas um objeto de significado referente a outros, mas também uma expectativa interna.

<sup>25</sup> Tradução da autora para: “Creer en la posibilidad de una ‘sociología cultural’ supone suscribir la idea de que toda acción, independientemente de su carácter instrumental, reflexivo o coercitivo respecto a los entornos externos (Alexander 1988) se materializa en un horizonte emotivo y significativo. Este entorno interno hace factible que el ator nunca sea totalmente instrumental o reflexivo.”

<sup>26</sup> ALEXANDER, Jeffrey C. (1988), *Action and its Environments*, Nueva York, Columbia University Press.

<sup>27</sup> Tradução da autora para: “Aquí se necesita una geertziana ‘descripción densa’ de los códigos, narrativas y símbolos que constituyen redes de significado, y no tanto una ‘descripción ligera’ que reduce el análisis cultural al bosquejo de descripciones abstratas.”

<sup>28</sup> SAUSSURE, Ferdinand de (1964), *A Course in General Linguistics*, Londres: Owen.



Alexander (2000), então, faz referência a importância desses códigos culturais, por conta dos mesmos serem importantes meios que impulsionam antagonismo no meio social. “[...] Os códigos proporcionam as categorias estruturadas do puro e do impuro dentro da qual estão disponíveis todo membro, ou membro potencial, da sociedade civil.” (ALEXANDER, 2000, p.143)

Apesar de seu enorme impacto sobre o comportamento, as categorias de puro e impuro não se desenvolvem, exclusivamente, como generalizações ou induções a partir da posição estrutural ou conduta individual. Se tratam de imputações, que são induções, via analogia e metáfora, desde a lógica interna do código simbólico. [...] Do mesmo modo em que não existe religião desenvolvida que não divida o mundo entre o venerável e o detestável, não existe também um discurso civil que não conceitualize o mundo entre aqueles que são merecedores de inclusão e aqueles que não são<sup>29</sup>. (ALEXANDER, 2000, p. 143).

Uma sociedade civil, de acordo com Alexander (2000), se encontra em um fragmento desagregado das principais esferas da vida social. “[...] Definirei a sociedade civil como uma esfera ou subsistema da sociedade, que está analiticamente e, em diferentes graus, empiricamente separada das esferas da vida política, econômica e religiosa<sup>30</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 142). Para, enfim, compreender as esferas em meio a sociedade civil, se faz necessário, segundo Alexander (2000, p. 143) portar consigo a compreensão e identificação de códigos de natureza simbólica, que distinguem-se entre si e são essenciais para que ocorra uma construção de sentido da sociedade tanto para atores que fazem parte, como para aqueles que se encontram afastados da mesma. O estudo de conflitos sociais, segundo Alexander (2000, p. 143), junto de códigos essenciais e dotados de significados, devem fazer alusão ao caráter repleto de simbolismo da esfera civil.

É importante ressaltar que em sociedades civis e democráticas, de acordo com Alexander (2000, p. 151), a esfera positiva é relacionada com a questão do âmbito de liberdade.

O polo positivo desta formação, aparece aos olhos dos membros de comunidades democráticas como um substrato, não só do puro, mas também de purificação. O discurso da liberdade é levado a transmitir ‘o melhor’ à comunidade civil, e a seus princípios que se consideram sagrados. [...] O polo negativo desta formação

<sup>29</sup> Tradução da autora para: “Apesar de su enorme impacto sobre el comportamiento, las categorías puro e impuro no se desarrollan, exclusivamente, como generalizaciones o inducciones a partir de la posición estructural o conducta individual. Se tratan de imputaciones que son inducciones, vía analogía y metáfora, desde la lógica interna del código simbólico. [...] Del mismo modo en que no existe religión desarrollada que no divida el mundo entre lo venerable y lo detestable, tampoco existe un discurso civil que no conceptualice el mundo entre aquéllos que son merecedores de inclusión y aquéllos que no lo son.”

<sup>30</sup> Tradução da autora para: “Definiré sociedad civil como una esfera o subsistema de la sociedad que está analítica y, en diferentes grados, empíricamente separada de las esferas de la vida política, económica y religiosa.”

simbólica se considera como profano. Ao apresentar ‘o pior’ na comunidade nacional, é encarnado ‘o perverso.’<sup>31</sup> (ALEXANDER, 2000, p. 153)

Ademais, Alexander (2000, p. 157), ressalta sobre como os discursos que se encontram em meio aos polos antiéticos, caracterizados por serem repletos de simbolismo, podem ser aplicados a atores e grupos concretos, sendo sempre questionados no decorrer da sociedade cívica, e contribuindo para uma questão identitária. As formas de identidade, em meio aos discursos imersos em códigos simbólicos e culturais (Alexander, 2000), representam o caráter heterogêneo da construção de narrativas em meio a sociedades civis.

Dentro dos confins de uma comunidade nacional particular, os códigos binários e as representações concretas que constituem o discurso da sociedade civil não se distribuem normalmente entre os diferentes grupos sociais. Pelo contrário, estão inclusos em sociedades atravessadas pelo intenso conflito social, as construções da virtude cívica e do vício cívico, que são completamente aceitos e muitos casos<sup>32</sup>. (ALEXANDER, 2000, p. 157).

Por esta razão, elementos concretos presentes na sociedade moderna, de acordo com Jeffrey Alexander (2000, p 169), são tanto parte de um sistema social, como também são compreendidos como parte de um sistema cultural. “[...] Acontecimentos, atores, papéis, grupos e instituições, como elementos de uma sociedade concreta, são parte de um sistema social; no entanto, são, simultaneamente, parte de um sistema cultural que o engloba.” (ALEXANDER, 2000, p. 169).

Assim sendo, a Internet, é, também, um meio para acompanharmos os códigos onde as discussões presentes no mundo social moderno, se fazem presentes densamente, transformando a mesma em um importante palco dramático (Goffman, 2007) para análise de vastas opiniões públicas. Por isso, houve uma intensa propagação sobre opiniões relacionadas ao agronegócio brasileiro e suas consequências no ciberespaço. Manuel Castells (2003), aborda, que, a Internet se designa como um importante veículo de informação para todo o mundo. “[...] Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela.” (CASTELLS, 2003, p. 8).

<sup>31</sup> Tradução da autora para: “El polo positivo de esta formación aparece a los ojos de los miembros de las comunidades democráticas como un sustrato, no sólo de lo puro, también de purificación. El discurso de la libertad se toma para transmitir ‘lo mejor’ a la comunidad civil, y sus principios se consideran sagrados. [...] El polo negativo de esta formación simbólica se considera como profano. Al representar ‘lo peor’ na comunidad nacional, encarna lo ‘perverso’.”

<sup>32</sup> Tradução da autora para: “Dentro de los confines de una comunidad nacional particular, los códigos binarios y las representaciones concretas que constituyen el discurso de la sociedad civil no se distribuyen normalmente entre diferentes grupos sociales. Por el contrario, incluso en sociedades que están atravesadas por el intenso conflicto social, las construcciones de la virtud cívica y del vicio cívico se aceptan completamente en muchos casos.”

A análise dos vídeos obtida por meio de algoritmos em meio ao YouTube, tal como uma representação dramatúrgica em meio ao palco da Internet (Goffman, 2007), será demonstrada a partir dos resultados que se seguem. É importante relembrar, entretanto, a definição de um *cluster* para Raquel Recuero (2011), denominado como “um grupo de nós mais densamente conectados em uma rede.” (RECUERO, 2011, p. 177).

Abaixo, podemos observar o plano fatorial da rede (figura 2) gerado pelo software Iramuteq, e consequentemente, o agrupamento de *clusters* captados pela rede. Em meio a esse grupo de nós conectados de maneira profunda (Recuero, 2011), observamos palavras que mais dialogam com questões relacionada ao agronegócio em solo brasileiro.

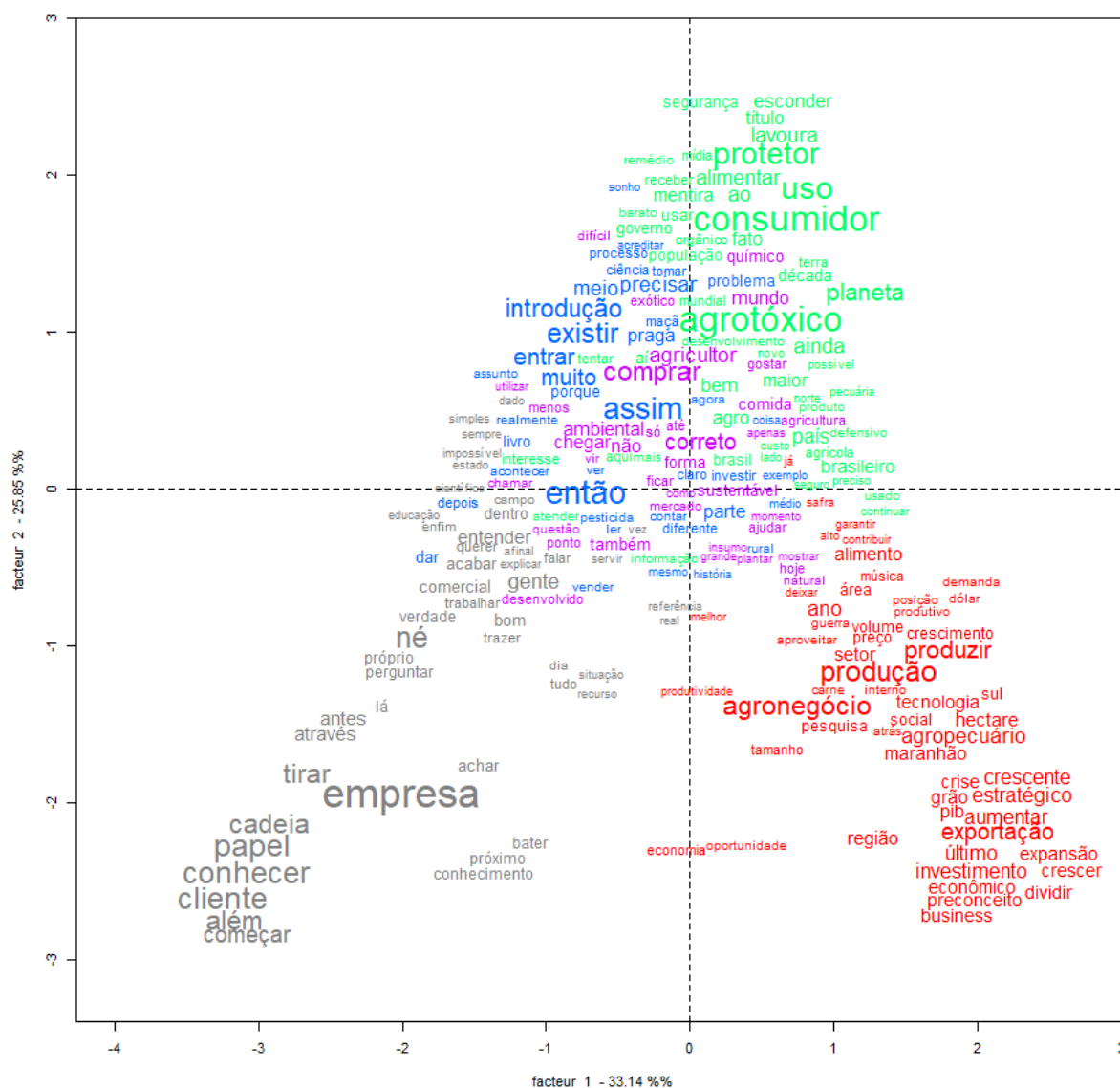


Figura 2: O plano fatorial da rede.

Se faz necessário afirmar que, o plano fatorial, gerado a partir da análise textual das legendas dos vídeos, tanto em relação a proximidade das palavras, quanto no tamanho das mesmas, representam o forte vínculo da indústria do agronegócio em meio aos discursos presentes no ciberespaço. Além disso, os vídeos que foram selecionados para a formação dos *clusters* acima, se originaram da seleção de canais abordados no último capítulo, e os fragmentos referentes às legendas desses vídeos, que serão analisados adiante, a partir do contexto que as palavras, imersas no plano fatorial, aparecem.

Os *clusters* de coloração vermelha e verde, são os que mais retratam sobre as narrativas que se destacaram no setor do agronegócio por meio do YouTube, pois de acordo com o plano fatorial (figura 2), há um conjunto de termos portadores de um alto teor de destaque. Como por exemplo, as palavras: “Consumidor”, “agrotóxico”, “protetor”, “uso”, “produção”, exportação”, “alimento”, “pesquisa”, “agronegócio”, “investimento”. As mesmas serão discutidas e analisadas ao decorrer desta investigação.

Já os *clusters* de coloração azul, lilás e cinza, possuem apenas algumas palavras importantes que se destacam como relevantes para esta investigação. As comunidades de cor roxa e azul, estão mais conectadas com as de coloração vermelha e verde. Tendo como exemplo, na comunidade de cor azul encontramos palavras como: “introdução”, “ciência”, “processo”, “praga”, “pesticida”. Por sua vez, no agrupamento de cor roxa, observamos termos como: “agricultor”, “comprar”, “comida”, “químico”, “mundo”, “sustentável”, “correto”, “ambiental”, “desenvolvido.” E, no que lhe diz respeito, o *cluster* de cor mais acinzentada, é possível verificar palavras como “empresa” e “cliente.”

Ainda em relação ao plano fatorial (figura 2), observamos os principais termos que dialogam mais densamente com os discursos relacionados ao agronegócio no Brasil. Esses termos se traduzem em discursos de natureza simbólica, por atores sociais concretos em meio ao ciberespaço. “[...] Os discursos são estabelecimentos simbólicos que encarnam claras referências às relações de sistema social, já definidos em términos de poder, solidariedade, ou outras formas organizacionais<sup>33</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 174 apud SEWELL<sup>34</sup>,1980 e HUNT<sup>35</sup>, 1984).

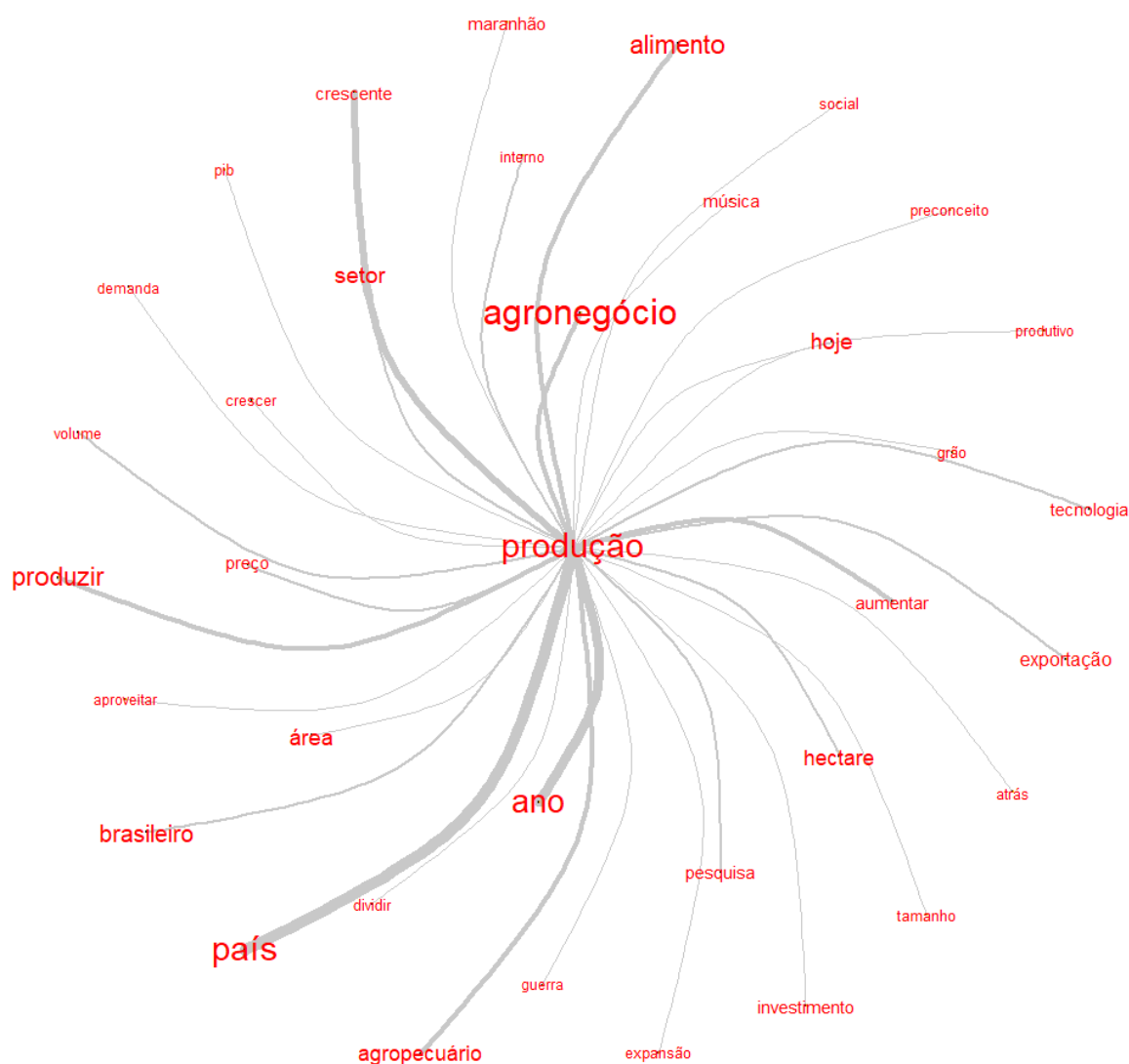
<sup>33</sup> Tradução da autora para: “Los discursos son asentamientos simbólicos que encarnan claras referencias a las relaciones del sistema social, ya se definan em términos de poder, solidaridad u otras formas organizacionales.

<sup>34</sup> SEWELL, William, Jr. (1980), *Work and Revolution in France*, Nueva York: Cambridge University Press.

<sup>35</sup> HUNT, Lynn (1984), *Politics, Culture, and Class in the French Revolution*, Berkeley y Los Angeles: University of California Press.

Há também, além do plano fatorial, as principais palavras que se destacaram em meio a ele, dando origem, assim, a mais três gráficos, que serão demonstrados a seguir.

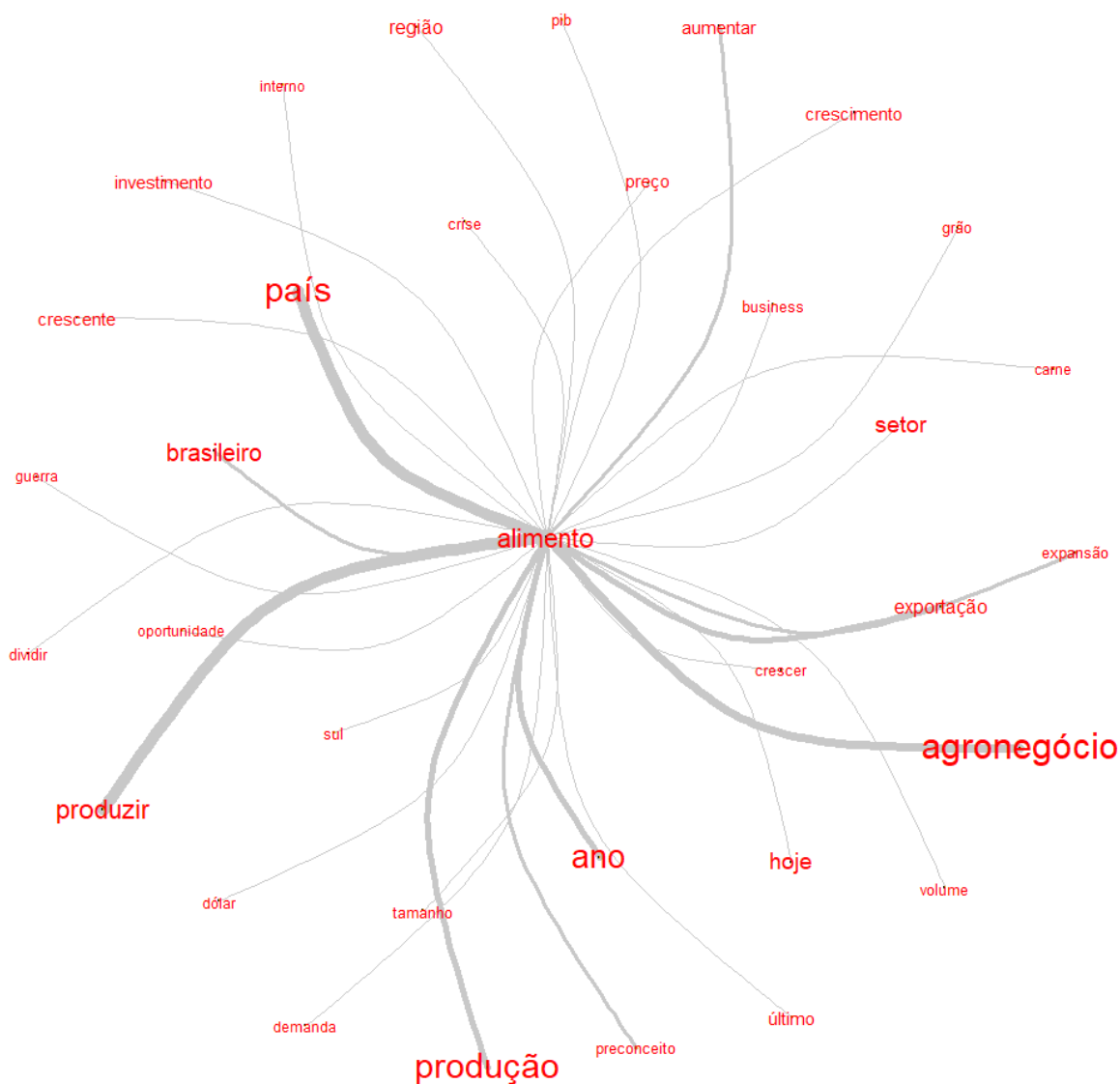
No gráfico a seguir (figura 3), originado por meio das legendas dos vídeos captados, observamos a palavra “produção”, que permeia o setor do agronegócio. Por meio dele, nos deparamos com o intenso diálogo em favor do crescente aumento da exportação de alimentos, tanto para o mercado interno como, também, o externo. A lógica do aumento de produção, se dá por meio de investimentos tecnológicos em pesquisa, visando demanda de alimentos por conta da expansão populacional brasileira e mundial.



**Figura 3:** A lógica de produção no agronegócio.



A terceira e última ramificação (figura 5), retrata sobre o papel que os alimentos ocupam em meio ao setor do agronegócio. Intensamente relacionado a um setor de investimentos de mercado, que rege os níveis de produção e demandas do país. Em meio a crise econômica que ocorreu no Brasil, é abordado por meio de fragmentos dos vídeos que se destacarão a seguir, sobre como o setor de produção de alimentos presente no agronegócio, foi o responsável pelo registro do aumento do PIB, Produto Interno Bruto. Enquanto os outros setores não obtiveram o mesmo desfecho de caráter positivo para a economia. Por esta razão, muitos atores sociais classificam o setor do agronegócio como o grande salvador econômico.



**Figura 5:** Alimentos, fontes produtivas em meio ao mercado do agronegócio.

Por meio das figuras destacadas, podemos classificar as palavras como tecedoras, simbólicas, das narrativas que contribuem para a construção de um viés relacionado a lógica do agronegócio perpetuado no meio digital.

Em seguida, serão analisadas, enfim, as legendas dos vídeos captadas por meio do sistema analítico do Iramuteq. Se faz necessário reiterar que os fragmentos em meio as palavras, serão postos em análise a partir do contexto que as mesmas, imersas no plano fatorial, se apresentam.

O primeiro vídeo a ser analisado, do canal nomeado como “Agro School”, define o agronegócio como “um conjunto organizado de atividades econômicas que envolve todas as etapas compreendidas entre o fornecimento de insumos para a produção até a distribuição para consumo final de produtos e subprodutos, e resíduos de valor econômico, relativos a alimentos, fibras naturais e bioenergia.” Este fragmento do vídeo intitulado como “Agro School-Agronegócio”, possui como fim demonstrar por meio desta definição<sup>36</sup> sobre como o setor agro se faz presente em todos os setores do meio social. Por esta razão, o agronegócio possui um papel importante na economia, sendo de grande sustento econômico no Brasil. “[...] Através das roupas que veste, do combustível que utiliza, nos seus veículos. Compreender a cadeia como um todo, acaba favorecendo para que a gente entenda o papel do agronegócio na nossa economia.”

Em adição, o fragmento do vídeo intitulado como “No Sul do Maranhão safra 2018-2019 será uma das melhores para a região”, refere-se ao canal “Maranhão Rural”. Há neste vídeo, o seguinte fragmento: “[...] Mesmo diante da crise financeira que se instalou na Brasil este ano, um dos principais setores que ajudaram a retomar o equilíbrio do país foi o agronegócio.” Assim, o agronegócio é tido, mais uma vez, como volante da economia brasileira, por conta de seu crescimento significativo, sendo categorizado como “pilare de sustentação da economia brasileira em 2018”, assumindo, assim, uma posição notória em meio aos debates referentes a economia e em meio as importantes pautas de discussão no Brasil dos últimos anos.

Em meio também a fragmentos presentes neste vídeo, do canal “Maranhão Rural”, o aumento do PIB brasileiro foi mencionado como uma prova do êxito do agronegócio para a economia do país:

---

<sup>36</sup> Definição retirada do “Manual do Direito do Agronegócio”/ Renato Buranello. - 2. ed. - São Paulo: Saraiva Educação, 2018.



[...] no ano passado, o PIB brasileiro segundo o IBGE, cresceu 1%, enquanto o PIB volume do agronegócio, calculado pela confederação nacional da agricultura aumentou 7,2% impulsionado pela produção recorde da agropecuária e pela importante recuperação agroindustrial.

Ademais, de acordo com o vídeo publicado pelo canal do Ministério da Agricultura, “Agronegócio no Brasil, Empreende, Preserva e Transforma”, atualmente o agronegócio compreende um quinto do PIB brasileiro e também por metade das exportações. Por esta razão, o mesmo se destaca como o “agente gerador de estabilidade econômica e social”. E ainda segundo ao fragmento do vídeo, mesmo o Brasil sendo um país que produz sem subsídios, ainda assim faz parte como competidor do mercado internacional.

De acordo com a legenda dos vídeos selecionados, podemos, aqui, observar, como um discurso mítico (Alexander, 2000) referente a salvação do Brasil por meio do agronegócio é moldado por meio dessas narrativas contidas nos fragmentos. Mesmo mediante a uma crise econômica, o Brasil vem sendo construído e salvo, economicamente, pelo mesmo.

Outrossim, o vídeo nomeado como “Agronegócio do Brasil – Empreende, Preserva e Transforma”, presente no canal do Ministério da Agricultura, aborda sobre a grande quantidade populacional, que habita atualmente inúmeras regiões mundiais. O vídeo retrata que além do aumento da população, há também um intenso crescimento do setor da classe média. “[...] Tudo isso aumenta a demanda por alimentos, a necessidade de produzir mais e com menor dispêndio de recursos naturais, são desafios que trazem também grandes oportunidades de expansão do agronegócio brasileiro.”

Contendo, ainda, um forte diálogo em relação aos alimentos, em mais um fragmento do vídeo nomeado como “No sul do Maranhão safra 2018-2019 será uma das melhores para a região”, é destacado sobre como o setor do agronegócio está focado além da alta capacidade de produção, também na questão alimentar. O contexto do fragmento capturado pela rede, reflete que o que gera guerras e destruições em qualquer nação mundial, é justamente a falta de alimentos. “[...] qualquer povo sem alimento, é o que promove a destruição, a guerra e tantas coisas. Então, a importância do agronegócio, de produção de alimento, de pôr na mesa, de vestir, de servir. O agro, ele faz parte da nossa vida, do nosso cotidiano todo.”

Podemos observar, nestes fragmentos, um sentimento insegurança em relação ao aumento populacional e a proporção de alimentos. Segundo os atores sociais que defendem a lógica do agronegócio, para que uma escassez de fome seja evitada, o aumento da demanda de alimentos se faz necessário. Por essa razão, um fator capaz de conter a ameaça de uma possível escassez de mantimentos, se dá pelo aumento da potência de produção. Uma sociedade

moderna baseada na insegurança e no risco de possíveis desastres, é moldada por meio dessas narrativas retratadas nos fragmentos anteriores.

Anthony Giddens (1991, p. 127), disserta sobre como a possibilidade de risco refletida em meio a modernidade, é refletida por meio de uma perspectiva de ameaça de cunho global. “[...] A possibilidade de guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão populacional incontrolável, colapso do câmbio econômico global, e outras catástrofes globais potenciais, fornecem um horizonte inquietante de perigos para todos.” (GIDDENS, 1991, p. 127). Ademais, Giddens (1991, p. 127) relata ainda, que, há uma consciência de preocupação maior com a noção de *risco*, por conta do mesmo desencadear fortes consequências para uma vasta camada populacional.

Como Beck comentou, riscos globalizados deste tipo não respeitam divisões entre ricos e pobres ou entre regiões do mundo. O fato de que “Chernobyl está em toda parte” explica claramente o que ele chama de “o fim dos ‘outros’- fronteiras entre os que são privilegiados e os que não são. A intensidade global de certos tipos de risco transcende todos os diferenciais sociais e econômicos. (GIDDENS, 1991, p. 128 apud BECK<sup>37</sup> 1986, p. 7)

Em contrapartida, os dados referentes ao crescimento do Produto Interno Bruto do país, dialogam intensamente com a lógica da utilização de técnicas para o contínuo aumento da produção. Uma dessas técnicas se dá pelo uso dos intitulados “defensivos agrícolas.” De acordo com o site chamado Agrolink (2016), um defensivo agrícola é definido como um produto de origem química, física ou biológica. Os mesmos são utilizados como forma de controle contra organismos que são danosos aos seres humanos. Defensivos agrícolas também podem ser chamados de agrotóxicos, pesticidas, praguicidas ou produtos fitossanitários. Aqui podemos observar como um mesmo objeto recebe distintas nomeações. Podemos utilizar-se desse exemplo também, para explicar a influência de como os signos repletos de significado se dão em meio as diferentes nomeações que os defensivos agrícolas ou agrotóxicos representam, para atores que carregam consigo opiniões distintas a utilização desses produtos em meio a agricultura brasileira. Essa ideia de dualidade, é um importante conceito instaurado em meio a teoria social de Jeffrey Alexander (2000), que se encontra imersa na sociedade civil.

Os códigos culturais, como meios importantes que impulsionam a dualidade no meio social, como aborda Alexander (2000), faz referência ao seguinte fragmento presente no vídeo nomeado como: “Quem são os verdadeiros vilões do agronegócio?”, presente no canal do

---

<sup>37</sup> BECK, U. Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra modernidade (Frankfurt: Suhrkamp, 1986), p. 7.

MBL-Movimento Brasil Livre. Neste vídeo, é abordado sobre o projeto de lei 6299/2002, que atualiza a legislação brasileira sobre o uso de defensivos agrícolas, e como essa lei foi classificada por ambientalista como “lei do veneno.” Além disso, o protagonista do vídeo lamenta sobre como defensivos agrícolas são também identificados como agrotóxicos. Segundo ele, essa terminologia contribui para a marginalização dos defensivos, que são produtos necessários para a produção de alimentos em larga escala, e utilizados em escala mundial em meio a países desenvolvidos. Neste fragmento, a categoria da *pureza* refere-se aos os chamados “agrotóxicos”. Em oposição, a categoria da *impureza* identifica-se por meio dos chamados defensivos agrícolas. Ademais, o protagonista do vídeo apresentado ressalta, também, que um dos itens que essa lei busca alterar, se dá pela mudança da terminologia de agrotóxicos, para fitossanitários.

Os defensivos, então, de acordo com um vídeo nomeado como “Quem são os verdadeiros vilões do agronegócio?”, presente no canal do MBL – Movimento Brasil Livre, são os que contribuem para o aumento da produção de alimentos. O ator do vídeo em questão, traz à tona que o agronegócio brasileiro, com a utilização de defensivos na produção, possui como objetivo uma produção de qualidade e de grande proporção. E, se faz necessário a criação de uma rede apoio, ao contrário de uma rede de protestos em razão da lógica do agronegócio, pois o mesmo é o responsável por ser, atualmente, “a locomotiva que move o país.”

[...] A gente não pode ser refém de propaganda e preconceitos espalhados por esquerdistas. A gente não pode tratar o agronegócio, o setor que é responsável por não deixar a economia do Brasil afundar de vez, parecer coisa de bandido, coisa de gângster, coisa de criminoso.

Por sua vez, no vídeo intitulado como: “Agrotóxico: A mentira que todo brasileiro repete”, referente ao canal do “Mundo Rural Business”, é argumentado sobre como a obtenção de alimentos em grandes quantidades, a custo baixo, e produzidos de maneira orgânica, não é condizente com a lógica de produção de alta escala. E, segundo o vídeo, para que aconteça uma produção de alta escala, se faz necessário cooperar com a norma de segurança, que ocorre por meio da utilização de agrotóxicos. “[...] O que pretendemos chamar aqui, preferimos chamar aqui, de protetores químicos, que usados de acordo com as regras vigentes, garantem comida farta e barata, enquanto que ao mesmo tempo, mantém esse planeta calmo e governável”, argumenta a protagonista do vídeo. A lógica de uma distinção antagônica entre agrotóxicos e protetores químicos, presente neste fragmento, segundo

Alexander (2000, p. 145), é moldada por membros da sociedade civil, juntamente por meio de códigos simbólicos de natureza sistemática, que são arquitetados de maneira significativa.

Ainda sobre o vídeo abordado anteriormente, “Agrotóxico: A mentira que todo brasileiro repete”, há a divulgação errônea da ideia de que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos em escala mundial.

[...] Se você perguntar aos grupos criados para assegurar o desenvolvimento do Brasil terá como resposta um sonoro ‘sim’. Mas o título atribuído ao nosso país de maior consumidor de agrotóxicos do mundo é uma mentira que vem sendo repetida por décadas por muitos brasileiros.

Em meio a esse vídeo, podemos observar que, os grupos que defendem a utilização de agrotóxicos na agricultura, são os que são a favor do desenvolvimento no país. Essa ideia do caráter dualístico do desenvolvimento e retrocesso, imersa no vídeo em questão, dialoga com o antagonismo defendido por Alexander (2000) em meio a sociedade civil.

A mentira que vem sendo repetida por muitos brasileiros, segundo o vídeo anterior, ocorre por conta do Brasil, apesar de produzir um grande nível de agrotóxicos em relação a área produtiva coberta, quando há uma análise de quantidade de hectares de área plantada, o Brasil se encontra atrás de países desenvolvidos.

[...] Claro que pelo tamanho do agronegócio do Brasil, na correlação de área produtiva coberta e do volume de agrotóxicos usados, nós somos os maiores em uso desse tipo de produto. [...] Mais importante do que espalhar por aí que é uma mentira dizer que somos os maiores consumidores de agrotóxicos do planeta, é entender que cada vez mais, teremos países de primeiro mundo tentando frear o desenvolvimento do agronegócio no Brasil, para que possam continuar importando alimentos baratos produzidos por aqui.

No vídeo referido como “Mitos e Verdades Sobre o Uso de Agrotóxicos no Brasil”, é parte do canal “Agro Jornal”. Neste vídeo, o jornalista e autor do livro: “Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo” é entrevistado, e explica que apesar do título de seu livro ser segundo ele, polêmico, não visa interesses comerciais. O que ele defende, é, o uso do aparato tecnológico utilizado de maneira correta, pois ele destaca essa questão tecnológica como essencial para a lógica da produção em meio ao agronegócio. Em adição, em mais um fragmento deste vídeo, o entrevistado comenta que, graças aos agrotóxicos, aos fertilizantes e as sementes melhoradas por meio de pesquisas, o Brasil se tornou uma potência agropecuária.

Com relação ainda ao vídeo “Mitos e Verdades Sobre o Uso de Agrotóxicos no Brasil”, o autor do livro referido, ainda pronuncia, que: “agrotóxico custa caro, representa 30% do custo de produção na lavoura, se o produtor pudesse, o sonho dourado de todo produtor é não usar, é virar orgânico.” A razão, segundo ele, de produtores não aderirem a

lógica dos orgânicos se dá por conta do Brasil ser um país tropical, e em consequência disso, repleto de pragas. Para então, o país produzir com qualidade, é necessário a utilização dos defensivos, aborda o jornalista. O entrevistado ainda comenta que a verdadeira indignação dos indivíduos deveria constar pelo fato de alguns produtores não respeitarem as boas práticas agrícolas, onde no Brasil, menos de 15% utilizam o Imposto sobre produtos industrializados de maneira correta. “[...] Essa deveria ser a indignação, e não o fato do Brasil ser campeão mundial no uso de agrotóxicos. Isso não tem problema algum”, acrescenta ele.

Observamos como o caráter dualístico do puro e impuro é decorrente em meio aos discursos da sociedade civil (Alexander, 2000). O título do vídeo, retratado acima, pode ser tido como exemplo, por conta de ter como fim retratar dois polos que se designam como contraditórios entre si. Enquanto uma camada de atores sociais identificam as narrativas criadas pelo uso de agrotóxicos como um conjunto de ideais heroicos para o Brasil, outra camada, em oposição, não classifica essas narrativas como sendo uma verdade de âmbito puro e harmonioso. “[...] Para os membros de toda sociedade democrática, os estabelecimentos simbólicos positivos e negativos aparecem como descrições realistas da vida individual e social<sup>38</sup>.” (ALEXANDER, 2000, p. 146).

Por fim, como analisado por Alexander (2000) em sua teoria sociológica, podemos constatar que a tecnologia relacionada ao agronegócio, carrega consigo uma efetividade objetiva e imersa em intuítos culturais. Isto é, é moldada, através do tempo, por meio de questões representativas. Este fato ocasiona que a ideia do agronegócio seja vinculada por meio da tecnologia, produção em massa, e superação de uma ideia retrógrada de manufatura, superando, assim, o tradicionalismo de produção.

---

<sup>38</sup> Tradução da autora para: “Para los miembros de toda sociedad democrática los asentamientos simbólicos positivos y negativos aparecen como descripciones realistas de la vida individual y social.”

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, podemos observar que os dados sobre os canais adquiridos, refletem sobre como a questão dos agrotóxicos se propagou de maneira significativa em meio ao universo digital, se tornando objeto de discussões entre atores que não se encontram diretamente ligados ao setor do agronegócio. Embora ainda assim, utilizem de seus canais como palcos para performar, estrategicamente, sobre seus pontos de vista em relação a lógica de produção extensiva que utiliza de agrotóxicos como combustível para sua extensa propagação.

Além disso, observamos como existem, de fato, uma extensão de canais que investem e designam o setor do agronegócio como importante meio de salvação para a economia brasileira, destacando também o potencial de capacidade de produção do Brasil.

Há uma narrativa, permeada entre os canais e vídeos selecionados, que aponta sobre a tendência de um aumento populacional e, assim, resultando em uma maior demanda de alimentos. A fim de evitar uma possível escassez de recursos, atores, que concordam com a lógica de fim capitalista do agronegócio, destacam a vocação do Brasil como principal distribuidor de alimentos tanto para seu mercado interno, como também para o mundo inteiro. Justificando, assim, a lógica da utilização de agrotóxicos e inúmeros produtos químicos, para alimentar a população como um todo e salvar a economia do país, em meio a crises que se estenderam nos últimos anos.

Ademais, os atores que atuam no setor do agronegócio, utilizam dos qualificativos captados pela rede (Figura 2), como por exemplo: “tecnologia”, “produtividade”, “investimento”, como base de afirmação sobre como a lógica do agronegócio se mostra como única forma de produção adequada na agricultura, em meio a uma sociedade em massa. Omitindo, assim, diversas maneiras agroecológicas, que poderiam sim, ser objeto de salvação tanto para os ecossistemas mundiais, como também para a possibilidade de uma escassez mundial de alimentos.

Futuramente, pretendo investigar mais detalhadamente como os movimentos sociais em favor do meio ambiente se estruturam em meio a Internet, e como são afetados por grupos de atores que os caracterizam como empecilhos para a vasta produção competitiva do mercado do agronegócio.

Nesse sentido, a verdadeira alternativa que se designa como fonte de garantia para uma alimentação segura a toda a população, não se dá por meio de uma produção incessante de alimentos que se direcionam para os mais favorecidos economicamente. Mas sim, por meio de uma redistribuição das riquezas para toda a população mundial, com artificios que cooperam com o meio ambiente, e com uma alimentação saudável e segura. Ou seja, uma alimentação constituída por meio de alimentos que apresentam nutrientes para o organismo, sem a participação nociva de agrotóxicos.

## 4 FONTES

### 4.1 Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Jeffrey. **Sociología cultural: Formas de clasificación em las sociedades complejas**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: FLACSO, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **The Forms of Capital**. Pp. 241-258 in Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education, edited by J.G. Richardson. New York: Greenwood Press, 1986.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

FIALHO, Joaquim. **Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIX, 2015.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C. e WELLMAN, B. **Studying Online Social Networks**. Journal of Computer Mediated Communication, n. 3, vol 1, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora: UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**: tradução de Maria Célia Santos Raposo, 14<sup>o</sup> ed./ Petrópolis, Vozes, 2007.



GRANOVETTER, M. **The Strength of Weak Ties**. The American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6, maio de 1973.

MCLEAN, Paul. **Culture in Networks**. Cambridge, UK; Malden, MA: Polity Press, 2017.

NEWMAN, M. E.J.; PARK, J. **Why social networks are different from other type of networks**. Physics Rev. , n. 68, 036122, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

SCOTT, J. **Social Network Analysis. A Handbook**. 2nd ed. London, UK: Sage Publications, 2000.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu**. Cadernos CERU. Série 2 – n 9 – 1998.

## 4.2 Outras Referências

CAPÍTULO VENENOSO NA HISTÓRIA DO BRASIL. **Greenpeace Brasil**, 2019. Disponível em: <[https://www.greenpeace.org/brasil/blog/capitulo-venenoso-na-historia-do-brasil/?gclid=EAlalQobChMlsvKz4YXR5QIVD4nICh08rwcBEAAYASAAEgLOWvD\\_BwE](https://www.greenpeace.org/brasil/blog/capitulo-venenoso-na-historia-do-brasil/?gclid=EAlalQobChMlsvKz4YXR5QIVD4nICh08rwcBEAAYASAAEgLOWvD_BwE)>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

ESCLARECIMENTOS SOBRE REGISTROS DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, 2019. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/esclarecimentos-sobre-registros-de-defensivos-agricolas>>. Acesso em: 02 de dez. de 2019.

NUNES, José Luís. Defensivos Agrícolas veja todos agrotóxicos registrados no Agrolinkfito. **Agrolink**, 2016. Disponível em: <[https://www.agrolink.com.br/culturas/soja/informacoes/defensivos\\_361534.html](https://www.agrolink.com.br/culturas/soja/informacoes/defensivos_361534.html)>. Acesso em: 10 de dez. de 2019.